

ECO, Umberto. **Kant e o ornitorrinco**: ensaios sobre linguagem e cognição. Trad. Ana Thereza B. Veira. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2023, p. 488.

RESENHA

Thiago Barbosa Soares¹

Universidade Federal do Tocantins

Recebido em 29 de março de 2024.

Aprovado em 6 de abril de 2024.

Todo e qualquer texto sobre uma obra da lavra de Umberto Eco carrega uma tarefa árdua: tentar corresponder minimamente ao brilhantismo exagerado de seu gênio. Uma eminência italiana, que deixa saudade, mantém-se vivo em seus longevos produtos culturais, entre romances, como o famoso “O Nome da Rosa”, e tratados de Linguística e Semiótica, transitando por opúsculos de filosofia analítica e política. Em vista desse vasto repertório legado por Eco, que não é traduzido aqui por uma mera menção, mas por um processo inferencial de seus estudos, quase tudo que lhe diz respeito, volta-se a sua ampla literatura.

No direcionamento segundo o qual uma resenha de “Kant e o ornitorrinco” é tecida, pode-se, em primeiro lugar, informar que essa obra é, segundo o próprio autor, uma extensão do tratado linguístico-semiótico intitulado “Tratado geral de semiótica”, pois abre as margens da semiótica cognitiva, que não estava contida em seu antecessor ensaístico. Por esse viés, Eco organizou um conjunto de ensaios cuja coluna dorsal é, principalmente, a relação entre a linguagem humana e o pensamento. Em outros termos mais específicos, o semioticista procura demonstrar, mediante inúmeros expedientes

¹Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), professor nos cursos de graduação em Letras e pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Tocantins (UFT) e pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

teóricos e práticos, tanto da arte técnica quanto do cotidiano, que existe uma conformação entre a cognição e linguagem.

Ora, para muitos estudantes de Linguística, de graduação e pós-graduação, ou mesmo para alunos mais avançados de Psicologia, a conexão entre linguagem e cognição pode parecer óbvia, entretanto, é na maneira como essa se dá que Eco aborda nas páginas de “Kant e o ornitorrinco”. Inicia-se uma reflexão pela concepção pouco ortodoxa entre os dois entes do título, o filósofo Immanuel Kant e o animal ornitorrinco. O primeiro é considerado o grande reformulador do esquematismo, que propõe uma compreensão dos fenômenos do mundo segundo categorias imutáveis. O segundo, por possuir uma constituição bastante incomum no reino animal, com bico de pato, calda de castor, ser mamífero que bota ovos, entre outros traços distintivos, é um ser que, para ser entendido conforme suas peculiaridades, precisa de um esquema multiforme. Todavia, o filósofo e o animal servem apenas de ilustração simbólica da problemática envolvendo a linguagem, como percepção do mundo, e a pensamento, invólucro relativamente pronto de toda e qualquer ser ou atividade.

Entre uma série de reflexões elaboradas e descritas na obra, a propositura tácita acerca da linguagem estática e o pensamento dinâmico é uma das mais produtivas, sobretudo, por problematizar uma clássica associação, pensamento e linguagem, de características que se encontram presentes tanto em um quanto em outro elemento da conexão. Sob essa ótica, Eco não se fixa na permanência da linguagem, estreitada por sua composição linguística, nem se contenta com a atividade cognitiva, perceptível principalmente pelo uso da língua, no caso em questão, mas ele se volta para as inconsistências, ou aberturas semióticas, existentes na determinação sistemática que se tenta fazer dos objetos do mundo por meio da linguagem humana. Em outros termos, Eco, ao fugir aos clichês acadêmicos sobre esse assunto, envereda-se pelo estudo da configuração dos objetos simbólicos pela língua.

Nem língua, nem pensamento parece ser tão somente estático ou meramente dinâmico, ambos, como uma folha, possuem dois lados: um dinâmico, outro estático. Desse modo, Eco, por trabalhar os limites dessa conflituosa relação, esgarça tanto um âmbito quanto outro através de exemplos históricos e do dia a dia. Um caso emblemático abordado pelo semioticista refere-se ao cavalo dado a Montezuma pelo representante dos colonizadores espanhóis. Como não havia cavalos nessa época nas Américas, Montezuma

e seu povo não tinham recursos linguísticos para saber qual item lexical e demais propriedades atribuir ao animal; diante de um ser sem referente na língua e sem precedentes cognitivos, o governante asteca e seus correligionários adotaram, depois de perceber tais ausências, o nome dado ao animal: caballo.

Das reentrâncias entre pensamento e linguagem, passando pelas estruturas da língua em seus usos dentro de sistemas socioculturais distintos, Eco desenvolve uma nomenclatura, ao mesmo tempo, teórica, porque idealiza componentes da arquitetura cognitiva, e metodológica, porquanto se pode mobilizar para compreender fenômenos semióticos complexos. Nesse direcionamento, o Tipo Cognitivo (TC) é um recurso a partir do qual o semioticista italiano verifica os integrantes morfológicos de um determinado conceito, como, por exemplo, cavalo, para o qual os astecas não possuíam uma definição, portanto, estavam isentos de um TC para tal animal. Uma vez que haja um mecanismo de fabricação conceitual segundo dados empíricos, um TC é uma construção social na qual interagem sistematicamente língua, cultura e cognição. Somada a essa noção, Eco desenvolve outra: Conteúdo Nuclear (CN).

O CN, sempre vinculado a um TC, refere-se ao aspecto principal de determinada semiose. Em vista de tal aproximação, o TC pode ser confundido com o CN, porquanto participam, simultaneamente, dos processos de identificação e segmentação de fenômenos de representação semiótica. Com o fito de distinguir as duas noções, Eco diz: “Contudo desejo esclarecer mais uma vez que o TC é particular enquanto o CN público” (ECO, 2023, p. 135). Por meio desse expediente, tem-se que a conformação do CN é um requisito social para a configuração individual do TC, ou seja, de acordo com Eco, “por um lado estamos falando de um fenômeno de semiose perceptiva (TC) e, por outro, de um fenômeno de acordo comunicativo (CN)” (ECO, 2023, p. 135-136). Dito de outro modo, a relação entre pensamento em linguagem, em especial dessa com a língua, por meio das nomenclaturas, que abordam a mesma ocorrência representativa, TC, para uma abstração subjetiva, e CN, para uma determinação semiótica, fica estabelecida metodologicamente uma possibilidade de investigação cujos parâmetros são mais bem delineados.

O desenvolvimento da percepção entre TC e CN não se dá linearmente, tampouco de maneira unívoca, como é possível compreender depois de muito refletir sobre tal interação, já que existe entre um e outro, TC e CN, variações que são atravessadas e

constituídas pela linguagem e pela subjetividade. Como consequência dessa correspondência não diretiva, e visando maior precisão no emprego desses operadores da visibilidade da produção semiótica presente entre cognição e linguagem, Eco forja a noção de Conteúdo Molar (CM), que pode ser descrita como a propriedade segundo a qual tanto o TC quanto o CN podem variar, conforme aspectos específicos. Dito de outro modo, o CM, tal como proposto por Eco para atuar em conjunto com o TC e com o CN, funciona, *mutatis mutandis*, tal como o campo semântico de um determinado item lexical, cuja amplitude pode ser esgarçada às fronteiras de outros significados. O CM possui, entre outros elementos, a capacidade de apresentar eventuais deformações nos usos do TC e do CN.

No horizonte de explicação do CM e suas conexões com o TC e o CN, Eco, para exemplificar o CM, afirma: “Um zoólogo possui um CM de cavalo, e por certo uma criança também possui dele um CM, mesmo que as duas áreas de competência não sejam coextensivas” (ECO, 2023, p. 139). Ora, conforme tal apontamento, toma-se o CM como a efetiva incorporação do referente, fenômeno semiótico, cujo TC, por sua vez, é uma abstração subjetiva de uma estrutura à qual tal semiose está submetida; ao passo que o CN fundamenta-se no preenchimento objetivo de tal arranjo pela linguagem. Portanto, TC e CN, ainda que componham a perspectiva prioritariamente cognitiva de expressão e incorporação dos objetos virtuais, vinculam-se ao CM que, *per se*, performatiza o prolongamento factual dos limites de compreensão singularizada acerca de um determinado ente representado pela língua.

Visto que as propriedades tanto da cognição quanto da linguagem participam do arrojado empreendimento levantado por Eco, pode-se afirmar que TC, CN e CM, para além de sedimentar teoricamente tal proposta, possibilitam aos pesquisadores da área de semiótica, e suas adjacências, um rico e vasto ferramental para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo os problemas do pensamento e da linguagem. Portanto, uma série de sedimentos da linguística teórica, postulados por Saussure (1972) e seus continuadores, podem ser percebidos por um leitor atento de “Kant e o ornitorrinco”, mas esses não recebem o tratamento tradicional segundo o qual se pode isolar a língua da linguagem, o pensamento da língua, porquanto Eco parte do mirante observacional cuja relação de um e outro se dá simultaneamente quando se depreende qualquer fenômeno semiótico.

Ao fim e ao cabo, é preciso reconhecer a profundidade alcançada por todo o empreendimento criado por Umberto Eco em “Kant e o ornitorrinco”, pois, para além de um desenvolvimento conceitual e metodológico consistentes, ele pontua problemáticas relevantes para as ciências da linguagem, ora com bastante humor, ora com puro academicismo, porém, nunca sem deixar de apresentar um conhecimento colossal acerca dos principais meandros da semiótica e da filosofia da linguagem. Nesse direcionamento explicativo, ressalta-se a necessária importância de uma leitura mínima da “Tratado geral de semiótica” (ECO, 1980) para uma compreensão mais adequada dos imprescindíveis traços teóricos que delineiam praticamente toda a obra aqui resenhada. Portanto, faz-se o devido alerta para os leitores iniciantes que, por mais que as questões abordadas em “Kant e o ornitorrinco” sejam essenciais, cuidem de amearhar os princípios e fundamentos da semiótica para, desse modo, criarem o alicerce capaz de sustentar toda a edificação da obra ora recenseada.

Referências

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. Trad. Antônio de Pádua Danesi [et. al.]. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini; Homero Freitas de Andrade. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.